


O profetismo autêntico confronta as autoridades injustas: análise exegética de Miqueias 3,1-8

Authentic prophetism confronts the unjust authorities: exegetical analysis of Micah 3,1-8

Luiz Alexandre Rossi ^[a] 

Curitiba, PR, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Leonardo Agostini Fernandes ^[b] 

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^[b] Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Como citar: ROSSI, L. A.; FERNANDES, L. A. O profetismo autêntico confronta as autoridades injustas: análise exegética de Miqueias 3,1-8. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba, Editora PUCPRESS, v. 15, n. 03, p. xxx-xxx, out./dez. 2023. doi.org/10.7213/2175-1838.15.003.DS05

Resumo

Em geral, os poderes civil e religioso constituídos estão em disputa pelo controle do povo. Quando se unem, na maioria das vezes, se tornam responsáveis por realizar ações nefastas e que abalam profundamente as estruturas sociais. Miqueias nos apresenta o ponto alto da exploração, da violência e da opressão do povo por parte de seus príncipes e chefes. Para isso, ele utiliza verbos que pertencem ao vocabulário da opressão social do Antigo Testamento, descrevendo o comportamento antissocial dos líderes bem como a natureza de seus crimes. Os frágeis e menos favorecidos são os que mais sofrem as consequências. Miqueias, como profeta e líder camponês, teria sido testemunha ocular da brutalidade política e religiosa que assolava o povo de Deus. A situação precária das vítimas da violência é a causa manifesta de que Deus assumira sua defesa e proteção. A presente reflexão, feita a partir de abordagens diacrônicas e sincrônicas, permite alcançar o sentido literal do texto e de entrever a atualidade da sua mensagem.

^[a] Pós-doutor em História Antiga, e-mail: luiz.ro@uninter.com

^[b] Pós-doutor em Teologia Bíblica, e-mail: laf2007@puc-rio.br

Palavras-chave: Exegese. Profetismo. Justiça Divina. Miqueias.

Abstract

In general, the constituted civil and religious powers are in dispute for the control of the people. When they unite, most of the time, they become responsible for carrying out disastrous actions that deeply shake the social structures. Micah presents us with the culmination of the exploitation, violence and oppression of the people by their princes and chiefs. To do this, he uses verbs that belong to the vocabulary of social oppression in the Old Testament, describing the antisocial behavior of the leaders as well as the nature of their crimes. The weak and least favored are the ones who suffer the consequences the most. Micah, as a prophet and peasant leader, would have been an eyewitness to the political and religious brutality that plagued God's people. The plight of the victims of violence is the manifest cause for God to take up their defense and protection. The present reflection, made from diachronic and synchronic approaches, allows to reach the literal meaning of the text and to see the actuality of its message.

Keywords: Exegesis. Prophetism. Divine justice. Micah.

Introdução

Miqueias não narrou a sua vocação, como fizeram outros profetas, mas soube expressá-la através da sua autêntica atuação frente aos que, em nome de YHWH, pervertiam o direito e a justiça, aniquilando os mais fracos e menos favorecidos.

Na época do profeta, como nos dias atuais, quem anuncia bem-estar, glórias e prosperidade, torna-se benquisto e agrada aos que se apegam ao poder, ao sucesso e à vida fácil. Nota-se o exercício conjunto do âmbito civil e religioso pelo interesse do lucro e ostentação da riqueza sem escrúpulos de vilipendiar os pobres e miseráveis.

Como um “luzeiro falante”, Miqueias não se acovardou frente às injustiças e proferiu duras sentenças contra quem, em nome de YHWH, comunicava oráculos falsos e enganadores. Dotado da presença do Espírito de YHWH, o autêntico profeta soube que estava revestido da força eficaz que o capacitava para enfrentar os ímpios. Sabia também que era capaz de discernir o que é justo e conforme com a vontade divina, em particular no que diz respeito à proteção dos oprimidos. Por isso, enfrentou e não temeu os detentores de poder que procuraram atrapalhar a sua missão.

Essas características, que definem a condição cívica e religiosa do profeta, são um dom do Espírito de YHWH, correspondido com prontidão e abandono obediencial. Assim, a missão confiada ao profeta objetiva a conscientização dos líderes civis e religiosos, em particular, e do povo, em todos os níveis e estratos sociais, para que reflitam e tomem consciência da vontade de YHWH. A conversão ao projeto de YHWH é a necessária condição para que o mal não se alastre na sociedade e para que a religião não seja usada como meio manipulador das consciências.

O presente artigo está articulado em quatro partes. Na primeira, uma abordagem é feita sobre o contexto histórico-literário do livro do profeta Miqueias. O olhar sobre o conjunto permite a melhor compreensão sobre a perícopes em questão. Na segunda, apresenta-se a tradução segmentada de Mq 3,1-8 a partir do texto hebraico e são consideradas algumas notas de crítica textual, permitindo a percepção da força das palavras empregadas. Na terceira, a delimitação, a estrutura e o gênero literário da perícopes são alcançadas graças à análise das formas, revelando a articulação textual. Na quarta, é oferecido um comentário exegético-teológico, a fim de que a mensagem do profeta seja devidamente alcançada, elucidada e atualizada de forma condizente.

Abordagens diacrônicas e sincrônicas foram utilizadas de acordo com a índole de cada tópico trabalhado. Espera-se que a presente reflexão ajude na compreensão sobre o poder, a religião e a violência na Bíblia, bem como na superação.

Contexto histórico-literário

Miqueias nada falou sobre o seu chamado profético, a exemplo de como se deu com Amós (7,14), Isaías (6,1-6), Jeremias (1,4-10) e Ezequiel (1,1-3,21); expressou, porém, a sua experiência como dependência de YHWH. Para não esmorecer ou vacilar, colocou e concentrou as suas forças e energias apenas em YHWH (Mq 3,8; 7,7). O editor do livro situou Miqueias na segunda metade do século VIII a.C., momento conturbado para Israel e Judá por diversos fatores socioreligiosos (Mq 1,1).¹

¹ O reino de Judá esteve novamente à margem da potência israelita durante o reinado de Jeroboão II (783-743 a.C.), responsável por levar o Israel Norte ao seu máximo esplendor. Contudo, o domínio assírio sobre Judá teve início com a queda de Israel quando, por delação de Acáz (736-716 a.C.), fez falir a coalisão entre Damasco e Samaria (DONNER, 2000, p. 363-376; MAZZINGHI, 2007, p. 66-74).

A dinâmica interna do livro permite dizer que o profeta Miqueias teve uma clara consciência quanto à sua vocação e missão. No centro da sua mensagem, mais do que a denúncia, está o confronto contra o descaso de um setor específico do povo sobre a prática da justiça e do direito, em particular, das lideranças. Os âmbitos social e religioso se tornaram focos de maldades e abusos, no exercício do poder, causando violências e crimes.

O ponto de partida é uma ação de YHWH que se move desde o seu santo lugar, unindo os céus, onde está o seu trono, à terra, onde está a sua morada no meio do seu povo em Jerusalém. Ao chamado de atenção universal, segue-se uma teofania (Mq 1,2-4), um ato de acusação e um oráculo de condenação pelo crime de Israel, cujo nome é Samaria (Mq 1,5-7), causador de grande dor no profeta, pois a sentença de YHWH foi irrevogável e, inclusive, alcançou e envolveu Judá (Mq 1,8-9).²

A sentença aparece na forma bélica. Um exército estrangeiro marcha na direção de Sião e ao longo do trajeto vai ocupando as cidades de Judá (Mq 1,10-16). Quase que de imediato vem à mente as campanhas de Sargon II e Senaquerib para punir o reino de Judá por se ter rebelado e deixado de pagar os impostos. Algo que aconteceu entre 711-701 a.C. (2Rs 18,13-19,27). Pela narrativa de 2Rs 19,20-37, Jerusalém conseguiu escapar dessa destruição por intervenção divina, mediada pelo profeta Isaías (BOICE, 1996, p. 14-15; SWEENEY, 2000, p. 347-348).³

Em meio ao caos, um oráculo é feito contra os mais abastados, latifundiários talvez (WILSON, 1993, p. 250). A iniquidade deles, valendo-se do poder que tinham nas mãos, é denunciada pelo profeta e, em nome de YHWH, pronuncia uma sentença condenatória com penosas consequências (Mq 2,1-5).

Esta foi a primeira ação contundente de Miqueias sobre a prática da justiça social. Como era de se esperar, não foi aceita. Os seus interlocutores contra-atacaram com ameaças, mas o profeta não recuou, reprovou as iniquidades e reafirmou a sentença, demonstrando que é insensato ouvir os falsos profetas (Mq 2,6-11).

Deste ponto em diante, percebe-se que Mq 3,1-12 encontra-se enquadrado entre promessas favoráveis (Mq 2,12-13 + 4,1-5,8). A referência a Jacó poderia designar tantos os migrantes que vieram do Israel Norte, como indicaria as tribos novamente unificadas, nesse caso todo o povo de Israel. Já a referência ao “resto de Israel” seria uma alusão aos que sobreviveriam às ações purificadoras enviadas por YHWH.

Sob tais promessas, sobressai o tema da restauração do povo que ressurge da opressão e da humilhação. Jerusalém ocupa um lugar central (Mq 4,1-5), na qual os dispersos serão reunidos (Mq 4,6-8); diante dela os seus inimigos serão eliminados (Mq 4,9-14), nela será instaurado o reinado do Messias (Mq 5,1-5), e o resto de Israel será elevado acima de todos os povos (Mq 5,6-8).

Na sequência, quatro textos, com distintas amplitudes, retomam o tema das calamidades. Anuncia-se o fim de toda e qualquer falsa segurança (Mq 5,9-14), atesta-se a falta de gratidão do povo (Mq 6,1-8), deplora-se a desonestidade das lideranças (Mq 6,9-16) e se faz um lamento sobre a depravação do povo (Mq 7,1-7).

² Mq 1,2-9 contém um processo judicial, um *rîb*, recurso típico da ação profética (Os 2,4-25; 4,1-5; Is 3,13-4,1; 5,3-7; Jr 2,9; 25,32). É possível que, inicialmente, o oráculo estivesse destinado para o Israel Norte, antes da destruição de Samaria em 722/21 a.C. O conteúdo do oráculo foi aplicado, por uma mão deuteronomista, também a Judá (Mq 1,5ef.9), talvez porque se deixou influenciar pelas práticas culturais e cultuais trazidas pelos que migraram do Norte para o Sul (NOGALSKI, 1993, p. 137-141).

³ O livro de Judite, apesar de ser considerado ficcional-didático, redigido no final do século II a.C., possui uma narrativa próxima ao que se passou com Jerusalém nos tempos de Ezequias. Em um contexto bélico, a salvação concedida por YHWH, veio pelas mãos de uma destemida mulher judia de Betúlia, que agiu como se fosse um juiz libertador. Por ela, YHWH, divino soberano, mostra a sua misericórdia, defende os necessitados e humilha os inimigos do seu povo (BONORA, 1997, p. 173-181).

Que esperar diante disso?

Como a última palavra não é de condenação, mas de salvação, o final do livro contém quatro textos também distintos quanto aos sujeitos e seus conteúdos. Um ar litúrgico envolve os oráculos salvíficos. Jerusalém aparece personificada e entoa um canto de confiança em YHWH, confessa seus pecados e celebra a vitória sobre os seus adversários (Mq 7,8-10, incluindo ecos de vários Salmos: 18; 27,1; 30,2; 35,19-24; 42,6.11; 79,10; 115,2).

Sobre tal realidade, o profeta entreviu a restauração material e espiritual de Jerusalém, os muros serão restaurados e a cidade repovoada (Mq 7,11-13, incluindo o eco do contexto histórico narrado nos livros de Esdras e Neemias). Sião, igualmente personificada, evoca os benefícios de YHWH nos moldes do êxodo do Egito e contempla a humilhação das nações pagãs (Mq 7,14-17). Enfim, um hino revela o mistério de YHWH: a sua misericórdia (Mq 7,18-20).

Em síntese, o livro, aberto com o anúncio da vinda de YHWH para punir os crimes de Israel e Judá, desenvolvido intercalando anúncios de catástrofe e de esperanças, foi finalizado com um hino que entoa a compaixão divina. De modo singular se entrevê que a dinâmica do livro não responde apenas à pergunta, “quem é como tu?” (Mq 7,18), mas serve, inclusive, para endossar a ação profética de Miqueias, nome que significa: “Quem é como YHWH?”.

Nesse sentido, vida cívica e religiosa são devidamente colocadas sob o domínio de YHWH e atestam o quanto a pregação de Miqueias teve um importante impacto público na sua época e para além dela. Assim, o que se segue, a partir do sentido literal de Mq 3,1-8, busca atualizar a mensagem para os sombrios tempos atuais em que trevas envolvem, novamente, a vida cívica e religiosa de muitos povos e nações.

Acredita-se que o compromisso e o anúncio da verdade que liberta é a luz capaz de iluminar a realidade, a fim de que o ser humano não se deixe iludir e enganar pelos que usam o poder, seja civil ou religioso, aprisionando mentes e corações.

Texto segmentado e notas de crítica textual⁴

| | | |
|--|----|---|
| Então [eu] disse ^[a] : | 1a | וְאָמַר |
| “Ouvi, pois ^[a] , chefes de Jacó e líderes da casa de Israel: | 1b | שְׁמַעוּ-נָא רָאשֵׁי יַעֲקֹב וְקַצֵּינֵי בֵּית יִשְׂרָאֵל |
| Não cabe a vós conhecer o direito? | 1c | הֲלוֹא לָכֶם לְדַעַת אֶת-הַמִּשְׁפָּט: |
| Odiadores do bem e amantes do mal: | 2a | שֹׂנְאֵי טוֹב וְאַהֲבֵי רָעָה [הָעַ] |
| arrancam [as] peles de cima deles | 2b | גָּנְלֵי עוֹרָם מֵעֲלֵיהֶם |
| e a carne deles de cima dos seus ossos. | 2c | וּשְׂאֲרָם מֵעַל עֲצָמוֹתָם: |
| Os que ^[a] devoram [a] carne do meu povo, | 3a | וְאֲשֶׁר אָכְלוּ שְׂאֵר עַמִּי |
| rasgam a pele de cima deles, | 3b | וְעוֹרָם מֵעֲלֵיהֶם הִפְשִׁיטוּ |
| seus ossos fazem em pedaços, | 3c | וְאֶת-עֲצָמוֹתֵיהֶם פָּצְחוּ |
| cortam ^[b] como o que ^[c] vai para a panela | 3d | וּפָרְשׁוּ כְּאֲשֶׁר בְּסִיר |
| e [é] como carne no meio do pote. | 3e | וּכְבֶּשֶׂר בְּתוֹךְ קַלְחָת: |
| Então, clamarão por YHWH, | 4a | אֲזַ וְיִצְעֲקוּ אֶל-יְהוָה |
| mas não lhes responderá, | 4b | וְלֹא יַעֲנֶה אוֹתָם |
| pois ocultará ^[a] a sua face deles, | 4c | וְיִסְתֵּר פָּנָיו מֵהֶם |

⁴ Tradução própria a partir da Biblia Hebraica Quinta, 2010, p. 71-72.

| | | |
|--|----|--|
| naquele tempo, | | בַּעַת הַהֵיא |
| devido ao mal que eles praticaram”. | 4c | כְּאֲשֶׁר הִרְעוּ מֵעַלְלֵיהֶם: פ |
| Assim diz YHWH contra os profetas, | 5a | כֹּה אָמַר יְהוָה עַל־הַנְּבִיאִים |
| os que causam o desvio do meu povo, | 5b | הַמְתַּעִים אֶת־עַמִּי |
| aos que fazem morder com seus dentes proclamam <i>shālôm</i> , | 5c | הַנֹּשְׁכִים בְּשִׁנֵּיהֶם וְקָרְאוּ שְׁלוֹם |
| mas a quem não coloca nada sobre sua boca declaram sobre ele uma guerra. | 5d | וְאֲשֶׁר לֹא־יָמַן עַל־פִּיהֶם וְקָדְשׁוֹ עָלָיו מִלְחָמָה: |
| Por isso, a noite para vós será sem visão | 6a | לְכוּ לַיְלָה לְכֶם מִחֹזֶן |
| e será treva ^[a] para vós sem adivinhar. | 6b | וְחֹשְׁכָה לְכֶם מִקֹּסֶם |
| Declinará o sol sobre os profetas | 6c | וּבָאָה הַשֶּׁמֶשׁ עַל־הַנְּבִיאִים |
| e o dia será escuro sobre eles. | 6d | וְקִנְרַ עֲלֵיהֶם הַיּוֹם: |
| Os videntes serão envergonhados | 7a | וּבִשׁוּ הַחֹזִים |
| e os adivinhos confundidos; | 7b | וְחִפְרוּ הַקֹּסְמִים |
| todos eles cobrirão a barba | 7c | וְעָטוּ עַל־שֵׁפֶם כָּלָם |
| porque não há resposta de 'Elōhîm. | 7d | כִּי אֵין מַעֲנָה אֱלֹהִים: |
| Todavia, eu estou pleno de força, com o Espírito de YHWH ^[a] ; | 8a | וְאוֹלָם אֲנִכִּי מְלֵאתִי כֹחַ אֶת־רוּחַ יְהוָה |
| [estou pleno] de direito e de valentia, | 8b | וּמִשְׁפָּט וּגְבוּרָה |
| para denunciar para Jacó o seu delito | 8c | לְהַגִּיד לְיַעֲקֹב פְּשָׁעוֹ |
| e para Israel o seu pecado. | 8d | וּלְיִשְׂרָאֵל חַטָּאתוֹ: ס |

v. 1a^[a]: A *Septuaginta* (LXX), apoiada pela versão *Siriaca*, traz a 3ª pessoa do singular do futuro: “e dirás” (καὶ ἐρεῖ), ao invés da 1ª pessoa do singular, como está no Texto Massorético Leningradense (TM^L). Com isto, desloca-se a fala do profeta para YHWH. Nota-se que é parco o uso da raiz אמר no livro de Miqueias⁵. Este é o único caso em que a raiz está precedida da conjunção waw, o que permite vocalizar tanto na 1ª como na 3ª pessoa. Apesar da LXX ser mais antiga, o TM^L encontra o devido apoio na *Vulgata* e no *Targum* (BHQ^{ap}, 2010, p. 71).

v. 1b^[b]: A locução, “ouvi pois” ou “ouvi por favor” (שְׁמַעוּ־נָא), está conforme aos achados do *Wadi Murabba'ât* 88, à *Vulgata* e à *Siriaca*. O *Targum* tornou a partícula de interjeição do TM^L em um advérbio temporal (CARBONE; RIZZI, 1996, p. 117). Já a LXX, que traz “ouvi também isto” (ἀκούσατε ὁ θεὸς ταῦτα), está conforme a dois antigos manuscritos da *Siriaca*. O motivo pode ser uma assimilação do v. 9. A lição do TM^L segue a estrutura gramatical comum: verbo no imperativo seguido da partícula de interjeição. Idêntica locução ainda ocorre em Mq 6,1 sem a indicação de problemas de crítica textual.

v. 3a^[a]: A LXX, a *Vulgata* e a *Siriaca* não trazem a conjunção waw. Isto, porém, não é motivo para se deletar o sintagma וְאֲשֶׁר, apoiado no v. 5 e em Mq 4,6; 6,14. Não há como argumentar que a *vorlage* וְאֲשֶׁר estaria na base da LXX, mesmo porque no v. 4c traduziu וְאֲשֶׁר por “pelo qual” (ἀνθ' ὧν). Na LXX, comumente, se traduz וְאֲשֶׁר por “de maneira que” (ὅν τρόπον), como em Gn 26,29; Ex 40,25; Am 2,13.

v. 3d^[b]: A LXX, seguida pela *Vulgata*, traduziu por “partir em pedaços” (καὶ ἐμέλισσαν), podendo ter encontrado פָּרַס (Is 58,7), uma variante ortográfica para פָּרַשׁ, como em Lm 4,4. O verbo grego retrata a divisão ritual dos sacrifícios e holocaustos (CARBONE; RIZZI, 1996, p. 119). Já a paráfrase do *Targum* não permite que se determine uma possível *vorlage*.

⁵ Mq 2,3.4.7; 3,1.5.11; 4,2.11; 6,1; 7,10.

v. 3d^{al}: Como no v. 2 e no v. 3a, a LXX, no lugar de כֶּאֱשָׁר, leu “carne” (אַשָׁר). A mudança poderia ser o resultado da transposição do *w* e do *x* (*metathesis*). Outrossim, pode ter pretendido criar um paralelismo com כֶּאֱשָׁר do v. 3e. A *Vulgata* está próxima do TM^L (*et conciderunt sicut in lebete*), ao passo que a Nova *Vulgata* seguiu a LXX (*et secant sicut carnem assam in lebete*). Com o mesmo sentido, Jó 29,25 daria suporte para a lição do TM^L (BARTHÉLEMY, 1992, p. 742).

v. 4c^{al}: Não parece que a LXX e a *Siriaca* tenham lido uma *vorlage*, “e descobriu” (וַיִּסֶר), ao invés de “pois ocultará” (וַיִּסְתֵּר). Mais provável que seja uma interpretação contextual. A lição do TM^L parece mais coerente e poderia ser uma releitura ao oposto da atitude de Moisés diante de YHWH no episódio da sarça em Ex 3,4. YHWH, frente às ações malvadas das lideranças, oculta-lhes a sua face, isto é, os seus favores.

v. 6b^{al}: Como em nossa tradução, a LXX (καὶ σκοτίαι ὑμῶν ἔσται) e a *Vulgata* (*et tenebrae vobis*) podem ter encontrado dificuldade em traduzir o verbo כִּפְּהָהּ ou foi uma tentativa para manter o paralelismo com a expressão precedente (CARBONE; RIZZI, 1996, p. 121). A opção pelo substantivo, por simples mudança de vocalização, unido ao verbo auxiliar no futuro, devido ao *w^eqatal*, não deturpa em nada o sentido hebraico presente no TM^L.

v. 8a^{al}: Não é consistente a proposta de se deletar “com o Espírito de YHWH” (אֶת־רוּחַ יְהוָה), considerando uma glosa, pois pode ser um desdobramento do sentido ou de dependência do substantivo masculino “força” (כֹּחַ). A LXX e a *Vulgata* apoiam o TM^L (BARTHÉLEMY, 1992, p. 743).

Delimitação, estrutura e gênero literário

Mq 3,1-7,8 contém dois oráculos, dirigidos a destinatários bem determinados. No primeiro, são os “chefes de Jacó” e “líderes de Israel” (vv. 1-4). No segundo, são os “profetas que causam o desvio do meu povo” (vv. 5-7). No v. 8 é revelada a autêntica face da testemunha de YHWH. A *petûhá’*, no final do v. 4, delimita os dois oráculos.⁶

Nos vv. 1-3, as acusações são feitas na 2ª e 3ª pessoa contra as lideranças que exploram o povo, seguido de ameaças no v. 4. Já no v. 5 surge a acusação contra os profetas que vaticinam por lucros, sobre os quais também recaem ameaças nos vv. 6-7. Enfim, o v. 8 é emblemático, pois serve de assinatura biográfica e está condizente com o critério de distinção profética presente em Dt 18,13-22.

No que diz respeito ao texto próximo antecedente, embora tenha Jacó e Israel como destinatários, contém promessas de reunificação (Mq 2,12-13), destoando do contexto que é formado por oráculos de condenação (Mq 1,2-2,11); em contrapartida, combina com o contexto próximo subsequente que contém, igualmente, promessas de restauração (Mq 4,1-5,13). Ao anúncio divino, de reunião dos dispersos entre os povos (Mq 2,12), o profeta evoca um êxodo da opressão (Mq 2,13).

As promessas de reunificação focam em Sião, com reflexos sobre Judá e o resto de Jacó. Este, pela vitória anunciada sobre a Assíria (Mq 5,4-5), poderia dizer respeito aos que migraram para o sul antes da destruição de Samaria em 722/21 a.C. (ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1991, p. 1082).⁷

⁶ A função da *petûhá’* é indicar que um parágrafo foi aberto e, com isso, uma nova linha tem início (KELLEY; MYNATT. GRAWFORD, 1998, p. 167).

⁷ A migração do Israel Norte para Judá, pouco antes da queda de Samaria, ocasionou um aumento demográfico e expandiu a economia local. Tal fato permitiria dizer que a unificação estaria acontecendo sob a ação da monarquia davídica, neste caso sob o reinado do piedoso rei Ezequias (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p. 255-259).

Quanto ao texto próximo subsequente, Mq 3,9-12 parece que seria a lógica continuação de Mq 3,1-4, oferecendo maiores detalhes. Enquanto Mq 3,9-10.12 estão na 2ª pessoa, o v. 11 está na terceira pessoa. Contudo, o conjunto pode ser visto como uma retomada que, além de sintetizar a mensagem, inclui novos destinatários: os sacerdotes (Mq 3,11b).

Nota-se, assim, certa proporcionalidade entre os oráculos de condenação (Mq 1,1-2,11 + 3,1-8.9-12) e os oráculos de restauração (Mq 2,12-13 + 4,1-5,13), pelos quais se alternam mensagens de catástrofe e de esperança (LIMBURG, 2005, p. 221).

Dentro dessa lógica, é possível admitir que Mq 2,12-13 tenha sido inserido para enquadrar, por um lado, os oráculos de condenação presentes em Mq 3,1-8.9-12 e, por outro lado, para anunciar que a condenação não será a palavra definitiva de YHWH para o seu povo (WALTKE, 1993, p. 652).

Quanto às relações internas, os dois oráculos, presentes em Mq 3,1-8, possuem diversos pontos em comum. A fala é do profeta, em nome de YHWH, dirigida aos destinatários (v. 1a-c e v. 5a), denunciados por seus atos impiedosos (vv. 2-3 e v. 5b), sobre os quais são preditas nefastas consequências (v. 4 e v. 7). Chama a atenção, porém, o v. 8 no qual se encontra uma nova fala na 1ª pessoa.

Através das relações, pode-se apresentar Mq 3,1-8 em uma estrutura paralela. São dois oráculos de juízo, respectivamente vv. 1-4 e vv. 5-7. O v. 8 serve de critério de distinção entre os acusados e o profeta Miqueias com base na prática da justiça e na obediência a YHWH, fundamento da sua vocação e missão no meio do seu povo.

| Oráculo contra os chefes e líderes | Oráculo contra os profetas |
|--|------------------------------|
| v. 1a: fórmula de introdução | v. 5a: fórmula de introdução |
| v. 1bc: destinatários | v. 5b: destinatários |
| v. 1d-3: questão e delito | v. 5cd: questão e delito |
| v. 4: sentença justificada | v. 6-7: sentença justificada |
| v. 8: critério de distinção entre Miqueias e os acusados | |

Comentário exegetico-teológico

Mq 3,1-4, um oráculo de juízo dirigido contra as lideranças de Israel, revela com fortes palavras a exploração que era cometida contra o povo de YHWH. O profeta, denunciando tais atos, expõe claramente quem são os preferidos de YHWH e as condições necessárias para alcançar sua benevolência.

Assim é possível afirmar que o profeta assume uma posição de defensor, ou seja, ele defende aquele – e somente aquele – a quem ninguém se dispõe defender. Sua vocação está atrelada à causa do oprimido e do vulnerável.

À primeira vista o ouvinte-leitor poderia considerar o oráculo muito “pesado”. No entanto, a denúncia feita pelo profeta pode ser considerada uma das mais intensas de toda a literatura profética. Muito possivelmente só Am 2,7 e Is 3,15 poderiam rivalizar com a explícita denúncia de violência proclamada por Miqueias. “A dureza da expressão, com imagens que provocam o horror do canibalismo, não tem comparação”, assim se expressa Rivas (1992, p. 236).

Aparentemente, o autor do texto deseja intencionalmente produzir no ouvinte-leitor um sentimento repulsivo, ou seja, o que seria uma simples descrição de uma cena do cotidiano – tirar a pele de um animal – é levado, numa rápida transformação literária, à morte do povo e sua carne transformada em alimento/banquete/sacrifício no altar dos poderosos.

O verso 1 começa com verbo דָּבַר , raiz primitiva que indica “dizer”, usada com grande amplitude, significando apontar, afirmar, mandar, desafiar, acusar etc. (LUND, 2011, p. 432-437). Baker, Alexander e Sturz (2006) afirmam que a expressão “Disse eu” é obscura, podendo ser interpretada de diversas maneiras. Contudo, é como se Miqueias se dirigisse aos chefes de Jacó, aos príncipes da casa de Israel, dessa forma: eu acuso, líderes, não cabe a vocês, homens responsáveis pela administração, e que exercem a liderança, conhecer e ter a justiça, a retidão, a observância da lei como prioritário e de suma importância?

A expressão “chefes” (*qatsin*), por sua vez, designa a pessoa responsável pelo recrutamento, um administrador dentro do exército. Parece denotar quem está no comando (em paralelo com “cabeças”, Mq 3,1.9) de um exército (Js 10,24) ou de pessoas (como um líder político; cf. Is 1,10; Mq 3,1 – VAN GRONINGEN, 1998).

Trata-se, portanto, de líderes com funções judiciais, políticas e governamentais. São os que, teoricamente, deveriam ser os responsáveis pelo bem comum do povo. Eles foram apontados por Miqueias como os culpados por toda a situação de opressão do povo. Cabia a eles o dever e o cumprimento do direito, da justiça, da prática do bem e do respeito para com o povo vulnerável e sem liderança que os defendesse.

Como o livro é constituído de resumos das profecias, a expressão é melhor entendida como uma introdução daquilo que Miqueias anteriormente havia falado aos líderes de Judá. Quando o profeta chama atenção e diz, “ouvi”, não é apenas um condicionado a escutar e, sim, a obedecer ao mandamento de YHWH, conforme está registrado em Mq 1,2; 3,9; 6,1.9.

Quando Miqueias indaga os chefes e governantes a respeito de conhecer o direito, sua resposta deveria ser positiva, pois cabia a eles o cumprimento correto dos julgamentos que presidiam nos tribunais. O verbo “conhecer”, no v. 1, tem o sentido de capacidade e habilidade no cumprimento das leis judiciais, ou seja, envolvia o conhecimento do Código da Aliança (ZABATIERO, 1996).

Percebe-se que a falta de relação entre chefes e direito é estabelecida pelo profeta através do verbo “conhecer” (*yada*). Um verbo que nos afasta de um mero conhecimento teórico do direito e da justiça, ao mesmo tempo, que nos aproxima de um conhecimento existencial e que poderia ser matizado como sabedoria, isto é, um conhecimento prático capaz de proporcionar a vida digna de forma pessoal e coletiva.

Assim, “conhecer”, poderia ser compreendido como a ação que expressa a vida submetida às exigências da justiça e do amor de YHWH (Os 6,6), como apresentada exemplarmente pelo profeta Jeremias: “Ele julgava com justiça a causa do pobre e do indigente. E tudo corria bem para ele! Isto não é conhecer-me? – oráculo de YHWH” (Jr 22,16). Rivas reafirma a mesma perspectiva aqui utilizada, a fim de dizer que aos poderosos se exige que sejam especialistas na prática da libertação dos vulneráveis:

Na mesma linha encontramos Jr 21,12, onde administrar a “justiça” equivale a libertar o oprimido da garra do opressor. A mesma leitura se encontra em Jr 22,3: a prática da justiça e do direito é libertar o oprimido do opressor, não explorar o imigrante e a viúva, não derramar sangue inocente e, em Jr 22,15-16 onde se diz que Josias praticou a justiça e o direito. O caráter prático, expressado nestes textos com o verbo “fazer”, “praticar”, “realizar” é o mesmo que se deve reter do verbo *yada* no texto de Miqueias (RIVAS, 1992, p. 240).

Como já destacado, os chefes e governantes eram responsáveis pelo total cumprimento das leis, ou seja, deveriam efetuar julgamentos justos e honestos nos tribunais que presidiam. Segundo Maillot

e Lelièvre (1980), Miqueias chama a atenção de duas categorias de israelitas: os chefes e os profetas. O substantivo hebraico que corresponde a “chefe” também significa “cabeça” ou “líder”. São os que possuem algum poder, responsáveis por praticar e fazer respeitar a justiça, podendo ser os ministros, os funcionários reais, juizes e talvez os sacerdotes.

Miqueias, ao pronunciar a palavra aos magistrados, trata-os como inimigos, pois odeiam o bem e amam o mal. Estamos, de fato, diante de uma perversão da ética que se manifestará, de forma concreta, nos versos 2b-3 ao caracterizar as ações que equivalem a amar o mal e a odiar o bem. Assim lemos em Zabatiero:

Este par — bem e mal — é muito comum na literatura sapiencial (Pr 1,22; 9,8; 12,1; 13,24; Sl 34,14; 37,27), e é usado pelos profetas do VIII século em referência à corrupção dos tribunais (comp. Is 1,17). No âmbito judicial, amar o mal e odiar o bem corresponde a emitir sentenças injustas, favorecendo os culpados e prejudicando os inocentes. No uso mais amplo, “bem” e “mal” são termos genéricos que se referem ao “certo/errado”, concretamente, indicam, respectivamente, a justiça decorrente da não obediência à vontade do Senhor. Em uma chave mais sociológica, o bem denota a vida digna e livre das famílias na terra dada por Javé, enquanto o mal corresponde ao rompimento da vida comunitária das aldeias camponesas. O “bem”, podemos então dizer, corresponde à tradição teológica rural, enquanto o “mal” remonta à ideologia estatal que legitimava a opressão do campesinato (ZABATIERO, 1996, p. 68).

Para Maillot e Lelièvre (1980), o ato de “arrancar a pele e a carne dos ossos” era uma descrição autêntica dos atos de crueldade dos “chefes”, que usavam de seus privilégios para a prática do mal. Segundo os autores, é comparado com “[...] o repasto dos animais selvagens e das aves de rapina; um desses repastos no qual, após arrancar a pele, tira-se o último pedaço de carne dos ossos que, em seguida, são quebrados para se aproveitar também a medula. Cães não fariam tanto” (MAILLOT; LELIÈVRE, 1980, p. 76).

Por sua vez, Rivas (1992) nos recorda que a tríade, “pele, carne e ossos”, deveria ser lida à luz de Jó 10,11 e Lm 3,4, pois se referem a três elementos essenciais da composição humana. Sublinham, por assim dizer, o núcleo vital do corpo inteiro e, conseqüentemente, arrancar a pele indica a destruição total do ser humano.

No verso 3, os magistrados tornaram-se “canibais”, eles agiram como se fossem antropófagos. Os pobres são esfolados, cozidos e devorados por aqueles que deveriam defender o seu direito. Zabatiero (1996) salienta que o tom da linguagem de Miqueias muda, saindo do âmbito jurídico para metáforas culinárias, usando palavras que pertencem à alimentação. O tema central ainda continua sendo a opressão, o povo está sendo “espoliado”, ou seja, desapropriado do direito de permanecer na terra prometida, recebida como dom para o bem de todos.

Segundo o autor acima, podemos ver os mesmos tipos de metáfora em Sl 14,4; 27,2; Pr 30,11-14. É de especial importância observar o uso do verbo *fashat* no grau verbal *hiphil* no verso 3. Trata-se de um verbo que é utilizado prioritariamente para esfolar gado – conforme é possível ler em Lv 1,6. De forma figurada, porém, o profeta assume o mesmo verbo a fim de potencializar ainda mais a violência praticada pelos poderosos da sua época. A imagem utilizada pelo profeta, ao mudar o objeto a ser esfolado, ou seja, de gado para povo, é deveras forte e expressiva.

“Devorar” (לָכַס) dá ao gesto de comer uma conotação de avidez própria do animal que, faminto, busca rasgar e engolir a presa com ferocidade. Trata-se de uma avidez que conduz ao aniquilamento total, isto é, que os pobres desapareçam completamente da face da terra. Bestialidade e brutalidade são

drasticamente descritas pelo profeta. Os poderosos, em sua sanha assassina, não deixam qualquer tipo de rastro ou vestígio da vítima consumida inteiramente. Rivas acrescenta:

Devorar a carne do povo – imagem de ódio profundo – sublinha uma dimensão de brutalidade, comparável ao canibalismo e às ações das feras selvagens, que reflete um desejo de que os pobres desapareçam da história e que se concretiza no roubo e no aniquilamento do que são e do que tem (RIVAS, 1992, p. 251).

Segundo Hahn (1996), a expressão “meu povo” designa os camponeses, especialmente os da Sefelá judaíta, que, nos fins do século VIII a.C., viviam em famílias, tentando conservar sua identidade de clã, tanto nas relações sociais quanto na produção do necessário para sobreviver, mas estavam sendo empobrecidos por ganância, perdendo as condições mínimas de subsistência.

Schwantes (1989), seguindo a mesma percepção, ressalta que o “meu povo”, retratado por Miqueias, com toda certeza, corresponde aos humildes e humilhados, explorados e espoliados, dizendo respeito às camadas mais pobres e vitimadas da população. Conforme descreve Schwantes (1989), “meu povo” não estava sendo acusado, ele era inocente; os acusados eram os profetas que estavam desviando o povo da verdade, conforme relata Mq 3,5: “Assim diz YHWH contra os profetas que fazem errar o meu povo, que mordem com os seus dentes e clamam: Paz! Mas contra aquele que nada lhes mete na boca preparam guerra”.

Encontramos, portanto, aqui uma definição de quem pertence ao “povo de YHWH”: são os explorados, os desamparados, aqueles a quem lhes foi roubado tudo (terra, dignidade, esperança e vida). Estão condenados à inexistência para manter uma classe rica e ambiciosa. Por isto, não encontram mais uma forma de sobreviver frente aos ímpios. Aos sofridos, YHWH ouve e volta sua face e lhes concede a paz de sua bênção (Nm 6,26). Aos que praticam a maldade, aos que cobiçam os campos, e os roubam, querem uma casa, e a tomam (Mq 2,2), YHWH esconderá sua face (Mq 3,4) e serão destinados à exclusão da pertença ao “povo” que escolheu como sua propriedade pessoal (Ex 19,5-6).

No verso 4, os que praticam o mal gritariam por socorro, porém YHWH não os ouviria. O verbo “clamar”, embora seja frequente em ambiente jurídico, é mais comum na liturgia. Ao elevar o clamor, o povo sofrido, com certeza, seria ouvido por YHWH; os seus inimigos, porém, poderiam até clamar, mas YHWH não os ouviria, antes, esconderia a Sua face, pois “nem sequer estará disponível para ouvi-los em suas liturgias de lamento” (Sl 13,2; 22,5; Am 5,21-24; Is 1,10-15).

Nos vv. 5-7 encontra-se um oráculo de juízo contra os profetas por receberem dons em víveres para profetizarem (1Sm 9,7); são corruptos e acusados de serem mercenários. Entre as funções que deveriam exercer, segundo Rivas (1992) e Hillers (1995), encontrava-se a de educar o povo, ensinando o que era correto e o que YHWH esperava dele: a prática do bem e da justiça. Os profetas eram responsáveis pelo bem comum da nação (RIVAS, 1992, p. 250-251; HILLERS, 1995, p. 44-45).

No entanto, ao se voltarem para privilégios pessoais, perverteram a sua função e, assim, os oráculos que saíam de seus lábios eram favoráveis aos interesses dos governantes, legitimando práticas injustas em nome de YHWH. “Eram corruptos e exerciam suas funções para atendimento de interesses pessoais e benefícios financeiros. [...] Tinham interesse em manter a mesma prática de luxúria, comum a nobreza” (ROSSI, 2016, p. 51).

O juízo que sobre tais profetas foi proferido declara a cessação da inspiração profética. A noite, no lugar de ser um tempo de revelação e de comunicação divina (Gn 15,12-21; 1Sm 3; 2Sm 7,5; 1Rs 3,4-15),

tornou-se um tempo de desventura (Is 5,30; 8,22; Jr 13,16). Por isso, ter os lábios cobertos sinalizava a confusão, o luto e a impureza. Assim, YHWH revela que não pactua com a soberba e maldade humanas.

Embora encontremos no livro do profeta Miqueias outras possibilidades de oráculos de julgamento, as acusações, por ações antiéticas realizadas pela liderança política e religiosa de Judá, têm uma conotação especial (Mq 3,1-12). Os profetas deveriam viver plenamente sua vocação de ser voz de Deus a favor dos vulneráveis e não ser coniventes com os poderosos quando percebiam alguma vantagem.

Líderes políticos e profetas mercenários, por conta de suas injustiças, de oráculos inventados e de falsos ensinamentos, uniram-se na perversão da religião e da ordem social. Para Miqueias, segundo a autêntica tradição profética, a estabilidade política, econômica e social provinha da justiça, efetivada na prática do *mishpat*.

A indignação contra toda a perversão profética culmina na contraposição anunciada no verso 8. Miqueias fala da sua experiência profética e revela o verdadeiro retrato de quem testemunha YHWH e a sua vontade. Ao se declarar cheio do Espírito de YHWH, que o conduz a proclamar os pecados cometidos pelos profetas, produz um forte contraste entre o *mishpat*, concedido por YHWH a ele, com a deturpação do poder e corrupção dos profetas que comercializam seus serviços. O senhor de suas palavras não era YHWH, mas o “estômago”. O julgamento dos profetas é rigoroso pois atinge a visão e a voz. Sem visão e sem voz perderiam seu “status” de profeta e seriam, portanto, desautorizados. Notadamente, seriam profetas sem palavra, sem visão e com fome!

Miqueias, ao contrário, se encontra repleto do que falta aos ímpios profetas, pois vive a plenitude profética do transbordamento do sopro divino, do poder do Espírito de YHWH, que lhe dá força e ousadia para declarar a verdade usurpada pelos profetas mercenários. Ao fazer menção de si mesmo como cheio do Espírito de YHWH, Miqueias não fez uma demonstração de arrogância ou de exibicionismo, mas apresentou a clara distinção entre sua vocação profética e a dos que a renegaram, tornando-se profetas adivinhadores e videntes mercenários em próprio benefício.

Considerações finais

O itinerário, que se percorre no livro do profeta Miqueias, vai do verdadeiro profeta ao verdadeiro Deus. O reino terreno, marcado por injustiças, será o palco da salvação universal. É a esperança que envolve o Monte Santo e se alarga para todos os povos. Jerusalém será a capital do reino messiânico, transformado pela prática da justiça e do direito, pois YHWH é fiel às suas promessas (Gn 3,15; 12,1-3; Ex 19,5-6).

Graças a isto, o verdadeiro culto suplantarão toda falsidade moral e religiosa. Lealdade e sinceridade a YHWH são expressas na compaixão praticadas em relação ao próximo. Revela-se, assim, que, de fato, o conhecimento de YHWH determina o comportamento condizente com a sua vontade (Ex 20,12-17; Dt 5,16-21; Os 4,1; 6,6).

O percurso histórico-literário pelo livro do profeta Miqueias atesta a vitória da misericórdia de YHWH (Ex 34,6-7), e mostra que não existe teologia se não for antropológica e, por sua vez, não existe antropologia se não for teológica.

As imagens de realismo e amplitude de Mq 3,1-8 permitem compreender, simultaneamente, tanto o horror do comportamento antissocial dos poderosos como a absoluta solidariedade de YHWH

com os mais vulneráveis, pois, tomando para Si a condição humilhada deles, abriu-lhes um futuro de esperança na justiça e no direito.

A presença e a ação solidária de YHWH são o começo e o fim da libertação do povo, forças motrizes que efetivam a radical transformação de sua pobre condição. A solidariedade para com a vida implica o exercício do amor e do comprometimento com a justiça. É a não “solidarização” a favor do cultivo da violência. Solidariedade, nesse sentido, pode ser compreendida não somente como a superação das contradições do cotidiano, mas como o antídoto necessário contra a violência endêmica e sistêmica que facilmente aparece e se dissemina na realidade socioeclesial.

Assim, vem à mente a esperançosa e utópica lembrança de Ez 37,5.8. No sentido contrário da atitude de aniquilamento dos poderosos, que procuram eliminar o ser humano mais fraco e menos favorecido, encontra-se a ação positiva de YHWH por seu Espírito sobre os ossos secos, revestindo, novamente, os ossos de carne, isto é, possibilitando a vida pela palavra confiada ao profeta comprometido com a justiça e o direito. Que o Espírito de YHWH venha dos quatro cantos da terra e suscite, em nossos dias, homens e mulheres comprometidos com a verdade que liberta e salva.

Referências

- ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DIAZ, José Luis. *Profetas II* (Ezequiel – Profetas menores – Daniel – Baruc – Carta de Jeremias). São Paulo: Paulinas, 1991.
- BARTHÉLEMY, Dominique. *Critique Textuelle de L'Ancien Testament* (Tome 3. Ézéchiél, Daniel et les 12 Prophètes). Fribourg Suisse: Editions Universitaires/Vandenhoeck & Ruprecht, 1992.
- BOICE, James Montgomery. *The Minor Prophets* (Two volumes complete in one edition). Grand Rapids, Michigan: Kregel, 1996.
- BONORA, Antonio. “Libro di Giuditta”. In: BONORA, Antonio; PRIOTTO, Michelangelo e collaboratori. *Libri Sapientiali e altri scritti*. Leumann, Torino: Elle Di Ci, 1997.
- CARBONE, Sandro Paolo; RIZZI, Giovanni. *Michea. Lettura Ebraica, Greca e Aramaica*. Bologna: EDB, 1996.
- DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos* (Volume 2 – Da época da divisão do reino até Alexandre Magno). São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2000.
- GELSTON, Anthony (prepared by). *Biblia Hebraica Quinta*, Fascicle 13 (The Twelve Minor Prophets). Stuttgart: Bibelgesellschaft, 2010. p. 65-83.
- FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *La Bibbia tra storia e mito*. Roma: Carocci, 2002.
- HAHN, N. B. Redistribuição de terra: uma utopia do VIII século a.C. *Revista Estudos Bíblicos*, n. 49, p. 9-15, jan./mar. 1996.
- KELLEY, Page H.; MYNATT, Daniel S.; GRAWFORD, Timothy G. *The Masorah of Biblia Hebraica Stuttgartensia. Introduction and Annotated Glossary*. Grand Rapids, Michigan/Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 1998.
- LIMBURG, James. **I dodici profeti** (Parte prima: Osea, Gioele, Amos, Abdia, Giona, Michea). Torino: Claudiana, 2005.
- LUND, Jerome A. “אִמֶּר”. In: VanGERMEREN, Willem A. (org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento* (Volume 1). São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011, p. 432-437.
- MAILLOT, A.; LELIÈVRE, *A atualidade de Miquéias*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- MAZZINGHI, Luca. *Storia d'Israele dalle origini al periodo romano*. Bologna: EDB, 2007.

- NOGALSKI, James. *Literary Precursors to the Book of the Twelve*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1993.
- RIVAS, Pedro Jaramillo. *La injusticia y la opresión en el lenguaje figurado de los profetas*. Navarra: Verbo Divino, 1992.
- SCHWANTES, M. *Igreja como povo: meu povo em Miquéias*. Belo Horizonte: CEBI, 1989.
- VAN GRONINGEN, G. (qâtsîn) chefe, governante. In: HARRIS, R. L.; ARCHER JR, G. L.; WALTKE, B. K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1359-1361.
- ZABATIERO, J. P. T. *Miquéias: voz dos sem-terra*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- WALTKE, Bruce. "Micah". In: McCOMISKEY, Thomas Edward (ed.). *An Exegetical & Expository Commentary. The Minor Prophets*. Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 1993, p. 591-764.
- WILSON, Robert R. *Profecia e Sociedade no Antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 1993.

RECEBIDO: 22/02/2023

RECEIVED: 22/02/2023

APROVADO: 02/11/2023

APPROVED: 02/11/2023